

Dossiê Especial

Educação e os Desafios para a Democracia

arquivos analíticos de
políticas educativas

Revista acadêmica, avaliada por pares,
independente, de acesso aberto, e multilíngüe



aape | epaa

Arizona State University

Volume 31 Número 108

19 de setembro 2023

ISSN 1068-2341

Especulações sobre Experiências na Educação Pública e a Saúde da Democracia Nacional

David C. Berliner

Universidade Estadual do Arizona (Emérito)

Estados Unidos

Citação: Berliner, D. C. (2023). Especulações sobre experiências na educação pública e a saúde da democracia nacional. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 31(108).

<https://doi.org/10.14507/epaa.31.8061> Este artigo faz parte do dossiê especial, *A Educação e os Desafios para a Democracia*, editado por Fernando M. Reimers.

Resumo: Neste artigo, um informante incomum é questionado sobre a relação entre educação pública e democracia. Também são discutidas as diferenças entre a escolarização como preparação para o emprego versus a escolarização para a vida democrática. Esta última requer um currículo diferente daquele frequentemente encontrado nas escolas públicas dos Estados Unidos. Um exemplo de como tal currículo poderia ser é fornecido. Também é discutido o problema de fornecer aos jovens um aprendizado em democracia, quando alguns argumentam que poucas escolas públicas são administradas democraticamente. Destaca-se também a relação problemática das práticas contemporâneas de avaliação com o desejo de fomentar valores democráticos em nossas escolas públicas. São examinados também os problemas contemporâneos associados à garantia de acesso irrestrito dos jovens à literatura e ideias de nossa civilização. É uma crença comum que a democracia não pode prosperar quando o acesso à informação é controlado. Finalmente, são considerados os muitos papéis desempenhados pelas escolas comunitárias no fomento à vida democrática.

Palavras-chave: currículo; aprendizagem; empregabilidade; censura; educação pública; democracia

Página web: <http://epaa.asu.edu/ojs/>

Facebook: /EPAAA

Twitter: @epaa_aape

Artigo recebido: 04/03/2023

Revisões recebidas: 12/06/2023

Aceito: 12/06/2023

Speculations on experiences in public education and the health of the nation's democracy

Abstract: In this paper an unusual informant is asked about the relationship between public education and democracy. Discussed also are the differences between schooling as preparation for employment vs. schooling for democratic living. The latter requires a curriculum different from that often found in America's public schools. An example of what one such curriculum might look like is provided. Also discussed is the problem of providing youth an apprenticeship in democracy, when some argue that few public schools are democratically run. Noted as well is the troubled relationship of contemporary assessment practices with, simultaneously, the desire to foster democratic values in our public schools. Also examined are the contemporary problems associated with assuring youth unfettered access to the literature and ideas of our civilization. It is a common belief that democracy cannot thrive when access to information is controlled. Finally, the many roles that community schools play in fostering democratic living are considered.

Keywords: curriculum; apprenticeship; employability; censorship; public education; democracy

Especulaciones sobre el estado de la educación pública y el estado de la democracia en Estados Unidos

Resumen: En este artículo, se consulta a un informante inusual sobre la relación entre la educación pública y la democracia. También se discuten las diferencias entre la escolarización como preparación para el empleo y la escolarización para la vida democrática. Esta última requiere un plan de estudios diferente al que a menudo se encuentra en las escuelas públicas de Estados Unidos. Se proporciona un ejemplo de cómo podría ser dicho plan de estudios; además, de abordar el problema de brindar a los jóvenes una formación en democracia, cuando algunos argumentan que pocas escuelas públicas se gestionan de manera democrática. También se señala la problemática relación de las prácticas de evaluación contemporáneas con el deseo de fomentar valores democráticos en nuestras escuelas públicas. Asimismo, se examinan los problemas contemporáneos relacionados con asegurar a los jóvenes un acceso sin restricciones a la literatura e ideas de nuestra civilización. Es una creencia común que la democracia no puede prosperar cuando se controla el acceso a la información. Por último, se consideran los numerosos roles que desempeñan las escuelas comunitarias en fomentar de la vida democrática.

Palabras clave: plan de estudios; formación; empleabilidad; censura; educación pública; democracia

Especulações sobre Experiências na Educação Pública e a Saúde da Democracia Nacional

Em 8 de fevereiro de 2023, fiz uma pergunta a um informante que eu considerava bem informado e não ideológico. Perguntei: “Qual é a ligação entre a educação pública e a democracia?” Meu informante respondeu o seguinte:

A educação pública e a democracia estão intimamente ligadas, pois a educação desempenha um papel crítico no funcionamento das sociedades democráticas. Em uma sociedade democrática, espera-se que os cidadãos participem do processo político, tomem decisões informadas e responsabilizem os líderes eleitos. Isso requer um certo nível de educação e conhecimento sobre o processo político e as instituições governamentais.

A educação pública ajuda a garantir que todos os cidadãos tenham acesso igual ao conhecimento e às habilidades necessárias para participar plenamente da vida democrática. Ao fornecer educação a todas as crianças, independentemente de sua origem social ou econômica, a educação pública ajuda a nivelar o campo e reduzir a desigualdade. Também

ajuda a promover uma compreensão comum dos valores e princípios democráticos, como a liberdade de expressão, igualdade e justiça.

Além disso, a educação pública ajuda a promover o pensamento crítico, o pensamento independente e a criatividade, que são essenciais para uma democracia vibrante e saudável. Ela oferece oportunidades para que os alunos aprendam sobre diferentes perspectivas e participem de diálogos e debates respeitosos. Isso ajuda a formar cidadãos mais informados e engajados, o que é crucial para o funcionamento de uma sociedade democrática.

Em conclusão, a educação pública é um componente essencial da democracia, pois ajuda a garantir que todos os cidadãos tenham o conhecimento e as habilidades necessárias para participar plenamente do processo político e tomar decisões informadas. Ela também ajuda a promover a igualdade, a fomentar o pensamento crítico e a construir uma cidadania mais informada e engajada.

Meu informante era o ChatBot de inteligência artificial, chamado ChatGPT (Open AI, 2023). Após digerir grandes quantidades da literatura mundial sobre o assunto que perguntei, o ChatGPT relatou o que essa literatura comumente argumenta sobre a escolarização nos Estados Unidos. Minhas próprias crenças são bastante compatíveis com o que os arquivos revelam sobre as crenças da maioria dos americanos. No artigo a seguir, destaco algumas questões sobre a educação pública e a escolarização, e considero a resposta do ChatGPT à minha pergunta boas notícias. Isso porque o ChatGPT expressou, após digerir milhões de documentos sobre democracia e educação, os tipos de crenças que são amplamente compartilhados por americanos. Isso pode ser facilmente chamado de “crenças mainstream” e é notavelmente consistente com as opiniões de muitos estudiosos (cf., Berliner & Hermanns, 2021).

No entanto, o ChatGPT pareceu incapaz de reconhecer que nem todos desejam que as escolas nacionais sejam públicas, nos muitos significados dessa palavra. Ele também deixou de reconhecer que a capacidade das escolas públicas de fomentar o pensamento crítico, o pensamento independente e a criatividade tem sido frequentemente questionada. Essas falhas significativas ocorreram porque os programadores “alimentam” o ChatGPT e sistemas de IA similares com informações para treiná-los. Essas fontes incluem livros digitais, artigos de notícias, revistas científicas e a Wikipedia. É provável que muitas visões incomuns e negativas das escolas públicas fossem menos propensas a estar no corpus de artigos que treinam o ChatGPT e máquinas similares.

Portanto, embora a resposta à minha pergunta provavelmente tenha sido uma síntese de opiniões de uma ampla variedade de americanos, ela também deveria ter refletido as crenças de um grande número de americanos que têm visões divergentes. Por exemplo, muitos defensores de escolas autônomas (Charter Schools), vouchers e escolas religiosas, e pais que educam seus filhos em casa, podem discordar da resposta do ChatGPT. Outros também podem discordar da resposta rápida e simplista do programa sobre o papel das escolas no desenvolvimento de uma compreensão compartilhada dos valores e princípios democráticos, questionando “quais valores?” A seguir, faço um breve resumo das minhas opiniões sobre algumas questões comuns e difíceis de resolver envolvendo valores.

Argumentos em Favor da Educação Pública Democrática

Aprendizado para Empregabilidade vs. Aprendizado para a Vida

Percebe-se a ausência notável, embora provavelmente atribuível à forma como fiz minha pergunta, de que o ChatGPT pareceu não se preocupar com o papel econômico esperado das

escolas públicas na sociedade americana. Não foi mencionada a “preparação para o emprego”, que é o que muitos defensores dos sistemas de educação pública de nosso país desejam. Fiquei bastante satisfeito que o ChatGPT ignorou essa questão.

Acredito que a “preparação para o emprego” é uma visão muito limitada do papel da educação em uma democracia. Tal visão não é inteiramente irrelevante, é claro. No entanto, o argumento de “escolarização para a empregabilidade” quase sempre requer a redução do currículo para atender aos propósitos econômicos. Assim, o currículo tem se concentrado em aprender a digitar (há 50 anos), ou a programar (em tempos mais recentes). Sem dúvida, aprender tais habilidades é facilmente defensável. Mas com tempo limitado para educar nossa juventude, nosso país não seria, em última análise, melhor servido ao encorajar o pensamento crítico sobre história, governo, educação cívica, ciências política e sociais, além ou como substituição dessas habilidades orientadas para o emprego?

A preparação para a vida em uma sociedade democrática requer uma concepção mais ampla do currículo do que a preparação para o emprego. Por exemplo, um bom experimento mental pode ser: “Como seriam os empregos, os salários e o empreendedorismo nos EUA se comprometêssemos nossa visão de uma sociedade democrática “ Na minha visão, estamos, de fato, comprometendo nossa visão de democracia ao focar na preparação econômica. Os formuladores de políticas educacionais parecem agora estar excessivamente preocupados com resultados de empregabilidade, possivelmente devido aos avisos constantes de economistas e autoridades governamentais de que estamos mal preparados para competir com nações rivais. Mas, ao seguir essa lógica, líderes políticos e educacionais frequentemente ignoram outros resultados educacionais, especialmente a cidadania. Eu argumento que este é um erro caro e já estamos sentindo os impactos desse erro, como a aparente falta de civilidade em nossa política. E vemos isso também nos registros de votação da nação. Em 2022, por exemplo, apenas 30-40% dos eleitores elegíveis votaram em alguns estados, enquanto em outros estados mais de 60% dos cidadãos elegíveis votaram (Ballotpedia, 2023). Nenhuma destas estatísticas é animadora e facilmente relacionada a um possível fracasso do sistema educacional dos Estados Unidos. Esses dados nos lembram o alerta que Benjamin Franklin deu aos americanos, ou seja, que ele e os pais fundadores criaram uma república, mas apenas se pudermos mantê-la! (McHenry, 1787).

Escolha de Currículo e Vida Democrática

Eu defendo que a escolarização em uma sociedade democrática deve promover a liberdade de escolha dos jovens em relação a muitos dos cursos e tópicos que eles estudam. A formação para a democracia requer escolas que valorizem fortemente a liberdade dos alunos, capacitando-os, na medida do possível, a escolher seu futuro. O destino de um adulto não deve ser excessivamente determinado por um orientador escolar, nem influenciado grandemente por pontuações em testes padronizados, ou fixado pelo histórico do ensino médio.

A experiência escolar de um aluno deve oferecer a oportunidade de escolher por si mesmo pelo menos parte do que ele aprende. Essa liberdade de escolha é fundamental para ampliar a exposição dos jovens a perspectivas diversas e desenvolver sua capacidade de analisar e avaliar objetivamente informações conflitantes. Além disso, essas habilidades provavelmente aumentarão sua apreciação por princípios, valores e ideais democráticos. Isso é o que devemos desejar como resultados para nossos jovens na educação, dado que os incumbimos da continuação de nossa democracia.

Em meu sistema de crenças, que é, admitidamente, influenciado fortemente por John Dewey, as escolas democráticas devem promover os talentos e preferências expressos por seus alunos e não ser influenciadas pelos desejos da indústria ou do relatório anual do Departamento do

Trabalho sobre os empregos mais bem remunerados do futuro. Minha visão aprendiz da democracia concede aos jovens um grau mínimo de liberdade e acomoda pelo menos parte de seus desejos. Também apoia as escolas e educadores que desafiam direta ou indiretamente os ditames educativos federais e dos conselhos estaduais de educação, que muitas vezes são rígidos

Programas federais como o “No Child Left Behind”, “Race for the Top” e o “Every Child Succeeds Act” não promovem a capacidade dos alunos de fazer muitas escolhas por si mesmos. Em vez disso, eles tratam de fazer coisas para os alunos fazendo algo com os alunos e seus professores. Nas últimas décadas, o desenvolvimento da autonomia e responsabilidade dos alunos, atributos necessários para ser um cidadão produtivo, não foi uma prioridade. Ignorar a liberdade dos alunos de tomar pelo menos algumas decisões sobre seu aprendizado é preparar os alunos, sem preocupação, para uma vida prescrita e limitada por outros, auxiliando em sua preparação para a vida em sociedades autocráticas, ditatoriais ou até tirânicas.

Todos os estudantes dos EUA devem ser considerados aprendizes em nossa democracia. Mesmo um pequeno grau de liberdade para sugerir e escolher pelo menos algumas de suas experiências educacionais proporciona esse tipo de aprendizado. Apesar de pesquisas mostrarem o sucesso desse método, oferecer aos alunos uma quantidade razoável de liberdade de escolha é assustador para muitos pais, administradores e membros do conselho escolar. O principal estudo que demonstra o sucesso nesses ambientes é chamado de “The Eight-Year Study” (Aiken, 1942). Este estudo monumental tem quase 100 anos de idade e, por causa disso, muitas vezes é ignorado. Mas a idade sozinha não é o único motivo pelo qual é pouco citado. Ele é frequentemente não citado pois muitos adultos não reconhecem que as crianças podem ser responsáveis o suficiente para tomar algumas de suas próprias decisões. Também pode ser pouco citado porque o relatório foi divulgado logo no início da Segunda Guerra Mundial e, assim, suas descobertas foram enterradas pela história. Independentemente disso, ele fornece evidências cruciais para capacitar os jovens e educadores a apoiar experiências de aprendizado não convencionais.

De 1930 a 1942, pesquisadores estudaram mais de 1.400 alunos em 30 escolas de ensino médio “progressivas” únicas. As escolas secundárias participantes concordaram em usar um currículo não convencional. Os alunos eram obrigados a estudar parte dos currículos básicos de seus estados. No entanto, eles também receberam crédito por escolher estudar, pensar, escrever e construir praticamente qualquer coisa que quisessem. Os alunos eram incentivados a se envolver em projetos e trabalhos altamente incomuns e autodeterminados, poucos dos quais teriam sido aprovados se tivessem sido submetidos ao currículo padrão do ensino médio da época.

O estudo “The Eight-Year Study Revisited” (O Estudo de Oito-Anos Revisitado) observa que 1.475 alunos que frequentaram essas escolas progressistas, estudando um currículo de ensino médio não convencional, ingressaram em cerca de 300 faculdades e universidades entre 1936-1939 (Lipka et al., 1968; p. 130). Cada formando foi comparado a um formando de uma escola tradicional com características contextuais semelhantes como controle. Os pesquisadores continuaram monitorando e documentando o progresso e as conquistas dos alunos. Muitos educadores acreditavam que seria difícil para esses alunos competirem na faculdade, pois não estudaram o currículo padrão e sancionado pelo estado. Portanto, também foi solicitado às universidades que monitorassem as deficiências, uma vez que os alunos não haviam sido “devidamente preparados” para a faculdade.

Independentemente da faculdade que frequentavam, as análises mostraram que os formandos das escolas progressistas demonstraram mais liderança; participaram e lideraram mais clubes; foram considerados pensadores mais claros; tiveram maior interesse por livros, música e arte; obtiveram notas ligeiramente melhores do que aqueles das escolas tradicionais; e *demonstraram uma melhor compreensão da democracia*. Eles também conquistaram mais honras acadêmicas (por exemplo, Phi Beta Kappa e designações de lista de honra).

Um sub-estudo dos formandos das seis escolas mais progressistas, o que os tradicionalistas consideravam as escolas mais “selvagens”, revelou que esses alunos não apenas tiveram pontuações muito acima dos alunos educados de maneira tradicional, mas também superaram seus colegas de outras escolas progressistas! Além disso, esses alunos supostamente “inadequadamente educados”, privados do currículo padrão sancionado pelo estado, alcançaram as notas mais altas na faculdade. Também foram classificados como os melhores em motivação intelectual, capacidade de pensamento e participação em atividades extracurriculares. O que mais uma democracia poderia pedir dos alunos que ela educa, aqueles que em breve serão cidadãos registrados para votar?

Os estudiosos concluíram que a crença generalizada de que os alunos devem ter um currículo escolar prescrito não é sustentável. Em vez disso, disseram que estudar quase qualquer coisa de maneira ampla e aprofundada, com algum (mas não necessariamente muito) apoio do professor, e comunicar isso, prepara os jovens para os mais altos níveis de conhecimento. Concordo. Não houve efeitos negativos aparentes por estudar “isto” em vez de “aquilo”, desde que fosse estudado adequadamente.

A lição *não* aprendida com essa pesquisa é que aprender de forma séria e aprofundada, e depois compartilhar esse conhecimento com seus colegas, pais e corpo docente por meio de várias plataformas (por exemplo, trabalhos, PowerPoint, YouTube, filme, televisão, música, arte, etc.), apresenta uma alternativa viável à aprender apenas o currículo estadual ou do distrito. Em outras palavras, as experiências educacionais escolhidas pelo aluno conferem oportunidades de aprendizado baseadas em aprendizado indisponíveis por meio de currículos obrigatórios.

Em Escolas que Praticam a Democracia, a Democracia Pode ser Aprendida

Independentemente de como os alunos se envolvem com o currículo, é altamente improvável que o aprendizado baseado em experiência ocorra se os sistemas escolares não forem administrados democraticamente. A educadora e diretora de escola Debbie Meier (2021) pergunta: Seria razoável esperar que uma escola dividida por classe e raça, construída com base em princípios autoritários, possa “treinar” ou educar os futuros cidadãos de nosso estado sobre o funcionamento da democracia? Se a democracia realmente fosse uma ideia tão boa - uma que afirmamos ir à guerra para salvar - como é que nossas escolas públicas não são nada disso? Na verdade, eu argumentaria que as escolas dos Estados Unidos, em média, representam uma das instituições mais autoritárias na sociedade.” (p. 163)

Meier observa que as escolas *servem* melhor à democracia quando *são* democracias. Elas devem ser projetadas e operadas pelo povo, para o povo. Infelizmente, os alunos que frequentam quase todas as escolas dos Estados Unidos raramente têm experiências pessoais com escolas administradas de forma democrática. Isso limita a oportunidade dos alunos de realizar um aprendizado através da experiência aprendizado em democracia.

Para alcançar algo próximo a uma escola democrática real, Meier acredita que cada escola deve ter seu próprio conselho escolar. Ela argumenta que as escolas locais não podem ser consideradas administradas democraticamente se não estiverem projetando experiências educacionais de forma independente e debatendo questões educacionais. Ela postula que os membros do conselho escolar local devem incluir professores, pais, alunos e representantes da comunidade. Cada conselho escolar local estaria vinculado ao conselho do distrito, pois é lá que são tomadas as decisões administrativas centralizadas, especialmente as fiscais. Além disso, os conselhos escolares do distrito estão ligados aos conselhos e legislações estaduais, responsáveis pelas leis administrativas e pelo financiamento sob os quais as escolas locais operam. Essa hierarquia proporciona um sistema de responsabilidade, ao mesmo tempo em que permite às escolas

individuais autonomia para atender às necessidades dos alunos e garantir um envolvimento culturalmente relevante e equitativo.

Além disso, Meier enfatiza que uma escola administrada democraticamente deve escolher seu diretor, ou pelo menos seu principal educador, e não serem designados por um conselho centralizado. Afinal, como uma escola pode ser chamada de local de trabalho democrático se aqueles que trabalham lá não têm direito a voto sobre quem os lidera?

Finalmente, Meier sugere que as escolas administradas democraticamente devem estar abertas para que os pais e outros possam visitar, e os dados sobre o desempenho da escola precisam estar disponíveis para qualquer pessoa interessada. Dessas recomendações, apenas as duas últimas são atualmente utilizadas por escolas públicas, charter (escolas autônomas) e *magnet* (escolas que oferecem instrução especializada, como *STEM* ou formação vocacional). A maioria, se não todas as escolas públicas, está aberta aos pais que desejam participar da educação de seus filhos, e os dados das escolas e distritos estão disponíveis gratuitamente por meio do Centro Nacional de Estatísticas da Educação do Instituto de Ciências da Educação do Departamento de Educação dos EUA. Embora esses critérios sejam essenciais, eles sozinhos não criam instituições democráticas. Meier observa, infelizmente, que os alunos que frequentam quase todas as escolas públicas, privadas e charter leem sobre escolas administradas democraticamente, mas raramente têm experiência pessoal com escolas administradas de forma democrática. Esse estado comum de coisas limita os alunos a realizar qualquer tipo de aprendizado através da experiência em democracia.

Práticas de Avaliação e Conflitos com a Aprendizagem Democrática

Nas últimas décadas, cada vez mais escolas e distritos se tornaram menos democráticos devido às preocupações com o suposto baixo desempenho dos Estados Unidos, como demonstrado pelas pontuações em testes padronizados. Existem evidências consideráveis de que a nação entrou em pânico com as pontuações em avaliações estaduais, nacionais e internacionais. Ao tentar elevar essas pontuações, os líderes dos Estados Unidos muitas vezes minaram os processos democráticos escola por escola (cf. Davis, 2010). A reação impulsiva às pontuações supostamente baixas foi treinar para a prova, levando a uma redução no currículo de cada estado.

Por exemplo, antes de o Congresso aprovar a Lei No Child Left Behind em 2001, estudos sociais eram ministrados em média por 239 minutos por semana em escolas do Ensino Fundamental. Após a implementação de mandatos nacionais de testes, o tempo dedicado às aulas de estudos sociais diminuiu para 164 minutos por semana. Uma perda de 76 minutos por semana. Isso representou uma queda de 32% no conteúdo do curso, como geografia, economia, cultura, história, ciência política e governo. O ensino de ciências também foi reduzido em 33%. Além disso, o ensino de arte e música foi reduzido em 35%, e a educação física foi reduzida em 35%, já que as escolas dedicavam mais tempo para cumprir as metas de testes (Center on Education Policy, 2008, p. 4; também consulte *Educating for American Democracy [EAD]*, 2021). Em uma cultura orientada por testes, o que é testado é o que é ensinado. Assim, matérias como governo, cidadania e história perderam espaço para cursos que podem contribuir para a melhoria das pontuações em leitura e matemática.

Os testes mais valorizados por nossos líderes legislativos avaliam a leitura, a escrita e a matemática, embora todos que pensam sobre isso saibam que nossas escolas têm a tarefa de ensinar além dessas três competências básicas. Infelizmente, nem uma educação abrangente para nossas crianças nem a educação para uma vida democrática são objetivos explícitos do Congresso. Em vez disso, preocupações econômicas e militares definem o pensamento atual e as atividades legislativas. Essa visão de curto prazo e nossa falha em praticar a educação democrática é um fracasso bipartidário.

A cultura inflexível de testes que criamos deu origem a comportamentos ocasionalmente bizarros entre administradores e educadores. Talvez o exemplo mais vívido venha de uma professora do ensino fundamental com 18 anos de experiência, entrevistada para um estudo de caso do Texas (Foster, 2006). A professora relatou que seu diretor estava irritado porque as notas nos testes usados para avaliar os alunos durante o ano escolar não tinham melhorado. O diretor estava preocupado que o desempenho ruim nos testes intermediários resultasse em pontuações baixas no próximo teste TAKS e confrontou sua equipe durante uma reunião de professores. Ele foi tão veemente e ameaçador que a professora chamou a polícia. De acordo com um relato de 2008 do San Antonio Express-News sobre o incidente, o diretor disse a seus professores que, se as pontuações do TAKS não fossem tão boas quanto o esperado, “eu vou matar todos vocês e me matar”. Ele acrescentou: “Vocês não sabem o quão impiedoso eu posso ser.” No entanto, o que é mais preocupante é que esse exemplo extremo não é isolado. O poder das práticas de avaliação para corromper profissionais da educação é bastante forte, e as práticas associadas à democracia também são corrompidas.

Os testes obrigatórios propagaram uma atitude nacional de “sucesso a qualquer custo”. O sistema de escolas públicas de Atlanta, na Geórgia, é o melhor exemplo do que acontece quando os resultados dos testes têm precedência sobre as preocupações com a aprendizagem (Vogell, 2011). Gestores escolares foram descobertos por ter alterado notas de testes ou forçado os professores a fazê-lo. A democracia, o profissionalismo e a empatia pelos alunos saíram das escolas à medida que os professores eram forçados a trapacear para proteger seus empregos. Um relatório de 800 páginas sobre o escândalo de fraudes nas provas de Atlanta (Martel, 2011) documenta a “cultura de medo, intimidação e retaliação” que os professores enfrentam nas escolas de todo o país, onde as pontuações dos testes são priorizadas e os processos democráticos são ignorados (p. 1). Sob tais condições de alta pressão, comportamentos administrativos abusivos se tornaram comuns, minando os desejos de ambientes escolares democráticos para professores e seus alunos. Este é o ponto das preocupações de Debbie Meier, mencionados acima.

A cultura de testes excessiva prevalecente nos Estados Unidos estressa nossas escolas, professores e alunos. Escolas estressadas têm menos probabilidade de prestar atenção a processos e tradições democráticas. Como no caso de vencer qualquer guerra (neste caso, a “guerra” para manter a competitividade dos Estados Unidos), desculpas podem ser facilmente encontradas para suspender ou limitar os processos democráticos. Somente no caso de conflito físico tais desculpas poderiam ser justificáveis. Certamente nunca podem ser justificáveis no caso do futuro de nossos filhos e de nossa democracia.

Em sistemas educacionais onde as pontuações dos testes importam mais, frequentemente ouvimos declarações perturbadoras de educadores. Por exemplo, um professor de ensino fundamental do Colorado observou que “... não fazemos tantas excursões. Não fazemos trabalho comunitário como costumávamos fazer, como visitar o asilo ou limpar o parque porque adotamos um parque, e esse era nosso trabalho, mantê-lo limpo. Bem, não temos mais tempo para isso” (Taylor et al., 2003; p. 30). Outro professor do Colorado diz: “Ensinamos apenas para o teste, mesmo na 2ª série, e paramos de ensinar ciências e estudos sociais” (Taylor et al., 2003; p. 31). Esses exemplos têm duas décadas de idade, mas não são diferentes das conversas que tenho com administradores e professores atualmente, que também estão sujeitos a pressões de testes. Essas questões não desapareceram.

Mas e nossos alunos? Um estudo de caso de uma escola de ensino médio do Texas descobriu que sua cultura de testes de alta exigência prejudicou qualquer mínimo de expressão democrática entre muitos dos estudantes juniores “Chicanos” que foram estudados. Antes de 2017, os estudantes do Texas eram obrigados a fazer o teste TAKS (Avaliação do Conhecimento e Habilidades do Texas), que avaliava o domínio dos alunos sobre o currículo exigido pelo estado.

Passar no teste era necessário para se formar no ensino médio (Agência de Educação do Texas, 2017). No entanto, os estudantes latinos observados (participantes de uma aula de inglês na Parker High School em Parkerville, Texas) não tiveram escolha, possuíam poucas das habilidades que seriam avaliadas e não demonstraram interesse em fazer o teste, como demonstrado abaixo. Esta transcrição é de uma aula em que a professora está preparando os alunos para o TAKS. A candidata a doutorado, Sandra Foster, gravou isso como parte de seu trabalho de dissertação, intitulado “Como os Estudantes Latinos Negociam as Demandas dos Testes de Alta Exigência: Um Estudo de Caso de uma Escola no Texas” (2006).

O cenário começa com a jovem professora de inglês nativo e branca (T) distribuindo uma redação como aquelas que serão escritas pelos alunos (S) durante o teste:

T: Ok, este é um trabalho de última hora para o TAKS. Vocês podem passar no teste. Vocês não querem fazer de novo, certo?

S: Sem resposta.

T: Vocês não querem ter que praticar tudo de novo, certo?

S: Sem resposta.

T: Por favor, digam sim.

S: Sem resposta.

T: Vocês são brilhantes... O teste não é difícil. Façam com calma; na verdade, levem o tempo que precisarem.

S: Sem resposta.

T: Lembrem-se, estejam aqui para fazer o teste e deem o melhor de vocês — façam com calma e deem o seu melhor.

S: Sem resposta.

T: Vocês são incríveis. Se alguém disser o contrário, não ouçam. Não tenham medo de usar os dicionários. Se não souberem uma palavra, procurem. Se quiserem usar outra palavra, procurem.

S: Sem resposta.

T: Ok, haverá três tipos de perguntas abertas e três tipos de seleções literárias. O que 'literário' significa?

S: Sem resposta.

T: É ficção, não ficção ou biografia?

S: Sem resposta.

T: Vocês vão falar comigo, ou não sabem?

S: Sem resposta.

T: É ficção, pessoal (em tom de voz irritado). (Pausa) A primeira coisa que vocês fazem é responder à pergunta. Deve ser perspicaz e ponderada. Não repitam a pergunta. Vocês têm cinco linhas para preencher. Depois, devem sustentar a sua resposta. Se resumirem na pergunta aberta, recebem um zero. Mas se usarem evidências do texto, ganham pontos. Olhem esta redação. Veem como este aluno usou suporte textual?

S: Sem resposta.

T: Vamos lá! (em tom de voz irritado e balançando a cabeça, sinalizando “não”). Ah, antes que eu me esqueça, é importante que vocês fiquem dentro do espaço designado e usem todas as cinco linhas.

S: Sem resposta.

T: Vejam como este aluno respondeu à pergunta com evidências perspicazes?

S: Sem resposta.

E assim continua! Mais um dia emocionante em uma escola de ensino médio americana marcado apenas por resistência passiva ao que os estudantes percebem com precisão como uma educação inferior. Certamente, falhamos com esses alunos ao não incentivarmos um senso de autonomia, uma característica da vida democrática que deveria ser igualmente importante à proficiência na língua inglesa e matemática básica. Infelizmente, podemos estar ensinando a esses alunos a docilidade, em vez disso. Ou pior, podemos tê-los preparado para uma vida de servidão em vez de participação ativa em nossa democracia.

Efeitos Conjuntos de uma Cultura de Testes e da COVID-19 na Aprendizagem sobre a Democracia

Como indicado acima, o movimento de afetou os estudantes e educadores dos Estados Unidos. Uma maneira menos notada em que isso ocorreu foi por meio da perda de experiências extracurriculares na escola, destinadas a fomentar o crescimento dos alunos para se tornarem cidadãos preocupados e produtivos de que uma democracia depende. As visitas de bombeiros, policiais, técnicos de pronto-socorro ou visitas a locais de trabalho desses adultos foram reduzidas. Visitas a museus de arte e estúdios de artistas, salas de ensaio de músicos, gabinete do prefeito, empresas municipais de água, usina de reciclagem de resíduos e assim por diante também foram reduzidas. Em uma cultura dominada por testes, atividades como essas “perdem tempo” que poderia ser melhor usado para preparação para um teste! A pandemia de COVID-19 e as novas leis de responsabilidade escolar diminuíram as visitas de membros-chave da comunidade às escolas dos Estados Unidos e também reduziram as visitas dos alunos a instalações comunitárias em seus bairros.

Esses impactos cumulativos sugerem que os jovens em idade escolar de hoje perderam algumas das experiências educacionais mais amplas que influenciam sua compreensão da vida democrática. Eles não se encontraram com as pessoas e não aprenderam sobre as instituições que fazem as comunidades funcionarem em uma democracia. Talvez mais triste ainda seja o fato de que grande parte das informações que os jovens aprendem sobre nossa nação e como ela funciona vêm das redes sociais, que com frequência são enviesadas ou enganosas.

Liberdade de Informação: Comprometendo um Direito dos Indivíduos em uma Nação Democrática

Livros, programas de televisão, transmissões de rádio, jornais e redes sociais em muitas nações autocráticas são censurados, e aqueles que defendem ideias democráticas são proibidos. Essa prática tem como objetivo manter os cidadãos desinformados sobre o que está acontecendo em seu país e talvez impedir que eles se rebellem contra os que estão no poder. Governos autoritários e ditaduras tentam controlar a informação, mas a censura também pode ter suas raízes em ódio racial, para manter o poder econômico ou para promover a dominação religiosa. Portanto, é bastante preocupante descobrir quem, e que ideologia, está por trás do recente aumento alarmante na proibição de livros nas bibliotecas de escolas públicas dos EUA.

De acordo com um relatório recente (Friedman & Johnson, 2022), 1.648 títulos de livros únicos de 1.261 autores foram proibidos em 138 distritos escolares em 32 estados. O Texas está na liderança com 751-1.000 proibições, seguido do estado da Flórida (501-750), depois Tennessee e Nova York (251-500). Outros 28 estados proibiram 50 livros ou menos. Os livros mais censurados tratam de assuntos LGBTQ+ (41%) e aqueles cujos personagens principais não são brancos ou tratam de raça e racismo (40%). Notavelmente, 161 ou 10% dos livros proibidos tratavam de direitos e ativismo. A censura limita o acesso dos jovens a uma ampla variedade de perspectivas e ideias (Friedman & Johnson, 2022). Além disso, reforça o racismo e os preconceitos, e compromete dois

princípios-chave da democracia dos EUA: liberdade de informação e liberdade de expressão. Portanto, a censura não é apenas não democrática; é anti-democrática.

Membros de sociedades democráticas precisam ter acesso a notícias confiáveis que representem uma vasta gama de temas, ideias e perspectivas. Essa gama deve incluir visões que podem ser ofensivas, até repugnantes, para muitas pessoas, como livros que apoiam ideais antidemocráticos (por exemplo, *Mein Kampf*, *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, o *Manifesto Comunista* e livros sobre o *Ku Klux Klan*). No entanto, precisamos desses livros para entender como a sociedade humana evoluiu. Proibir livros assim porque são “perigosos” ou subversivos garante a ignorância sobre nosso mundo, e isso não é saudável em uma democracia.”

Devo confessar que um dos dias de maior orgulho que já tive como professor/pesquisador/autor foi quando me juntei à elite nas humanidades e nas ciências. Dois dos meus textos foram proibidos no meu estado natal do Arizona! *A Crise Fabricada* (Berliner & Biddle, 1995) e um capítulo intitulado “Se a Premissa Fundamental do *No Child Left Behind* É Falsa, Como Esse Ato Pode Resolver Nossos Problemas?” O capítulo foi publicado em um livro editado por Ken Goodman e outros, com o título subversivo “*Salvando Nossas Escolas*” (Goodman et al., 2004). Minhas ideias perigosas estavam lá junto com outros autores cujos livros foram proibidos no mesmo dia, incluindo livros de James Baldwin (*The Fire Next Time*), William Shakespeare (*A Tempestade*), Henry David Thoreau (*Desobediência Civil*), Jonathan Kozol (*Savage Inequalities*) e Bell Hooks (*O Feminismo é para Todxs: Política Apaixonada*).

Jovens provindos de grupos historicamente marginalizados, sejam eles judeus, negros, muçulmanos, queer, trans ou de outras identidades, precisam se ver nos livros que leem para entender onde se encaixam no mundo. Cidadãos excessivamente preocupados, que buscam proteger as crianças mantendo a ignorância, derrotam as tentativas de nossa nação de evitar que nossa democracia escorregue para um estado mais totalitário. Infelizmente, não são apenas pessoas individuais que querem proteger as crianças. Inúmeros grupos ativistas com agendas religiosas ou políticas, e até mesmo funcionários do governo, têm pressionado por proibições de livros (Friedman & Johnson, 2022).

Esses proibidores de livros podem alegar que estão agindo sob a máscara do patriotismo. No entanto, é mais provável que estejam escondendo o fato de que desejam manter os jovens e o público ignorantes sobre a vasta literatura de alternativas à América capitalista. Por exemplo, países do norte da Europa estão bastante satisfeitos com suas várias formas de socialismo. Além disso, nessas nações, a democracia e o socialismo estão fortemente ligados. Essas alternativas à América capitalista são descritas e avaliadas nos livros e revistas que estão nas escolas e bibliotecas públicas de todo o país. O *Daily KOS* (2022), comentando sobre as atuais proibições de livros, disse:

Isso nunca se tratou de manter as crianças “seguras”, mas sempre se tratou de mantê-las ignorantes e sem educação. Suprimir ideias diversas sempre foi a marca do conservadorismo, e as bibliotecas públicas são um obstáculo para esse objetivo. As bibliotecas ajudam as pessoas que mais precisam, o que, de acordo com um bilionário de direita, é o pior uso possível dos recursos. As bibliotecas servem à sua comunidade sem considerar o lucro, o que é antitético à mentalidade capitalista de seus desinvestidores ricos. No entanto, a educação e o fácil acesso à informação são as maiores ameaças ao movimento conservador e à proteção de sua riqueza mal adquirida. Claro, eles estão atacando bibliotecas e escolas. (para. 13)

Os jovens não precisam de censura. Eles precisam de acesso, assim como pais, educadores, bibliotecários e orientadores escolares que sejam bem informados e forneçam apoio. Mas fornecer esses recursos aos jovens requer um investimento de fundos públicos. E arrecadar dinheiro por meio de impostos para pagar esses profissionais é muito mais difícil do que pressionar pela proibição de livros e sufocar o pensamento livre.

Manter nossas bibliotecas abertas e nossos bibliotecários bem treinados e bem remunerados é necessário para uma democracia saudável. Os bibliotecários são especialistas literários com o conhecimento para orientar estudantes e cidadãos sobre livros e outros recursos educativos para satisfazer sua curiosidade e interesses de pesquisa. Como Franklin Roosevelt disse em uma carta a um editor de livros: “Tenho uma convicção inabalável de que a democracia nunca poderá ser comprometida se mantivermos nossos recursos de biblioteca e uma inteligência nacional capaz de utilizá-los” (Daily Kos, 2022, epígrafe). Roosevelt parece estar falando sobre reciprocidade: boas escolas precisam de boas bibliotecas, e bibliotecas sólidas ajudam a construir escolas sólidas - o tipo de escolas que nos fornecem um alto nível de inteligência nacional.

Escolas Públicas: Fortalecendo a Democracia no Nível Local

Como Singer (2017) observou, as escolas públicas têm muitos propósitos que frequentemente são esquecidos. Por exemplo, as escolas de nossa nação frequentemente estão no coração das comunidades que atendem. Elas oferecem atividades extracurriculares para jovens, como eventos esportivos e clubes acadêmicos, muitas vezes fornecendo o uso público de piscinas, quadras de tênis e campos de beisebol - instalações para atividades comunitárias. Elas convidam membros da comunidade para eventos escolares, como concertos, peças teatrais e seminários. Elas também apoiam cursos de educação continuada para adultos, especialmente em comunidades de imigrantes. Tais atividades contribuem para a saúde de nossas comunidades e, portanto, para a saúde de nossa democracia.

Singer também observa que os sistemas de escolas públicas reconhecem diversas necessidades da comunidade e, há anos, têm oferecido aos moradores uma variedade de escolas. Hoje, a palavra “escolha” parece ter sido apropriada por aqueles que administram escolas privadas, com vouchers ou charter (escolas autônomas), mas distritos urbanos grandes têm oferecido escolas temáticas ou *magnet* há décadas. Além disso, as escolas públicas geralmente oferecem uma ampla variedade de aulas e currículos, proporcionando aos alunos escolhas em línguas estrangeiras ou escolhas de currículos vocacionais e técnicos, bem como escolhas nas artes e humanidades.

As escolas públicas também oferecem regularmente acesso a estudos independentes, cursos avançados e créditos universitários. Além disso, os alunos podem aproveitar uma infinidade de serviços que personalizam sua experiência acadêmica, como matrícula em educação especial ou para alunos com altas habilidades. Em resumo, como entidades *públicas*, distritos e escolas públicas oferecem uma grande quantidade de opções que os jovens e seus pais precisam e desejam. Escolas privadas e charter não regulamentadas e não supervisionadas provavelmente oferecem essa variedade de opções com menos frequência.

Comparada ao ensino particular, a educação pública frequentemente tem algo a mais, necessário na democracia americana - um corpo discente diversificado. John Dewey observou há décadas que a escolarização é a própria vida - ela não está separada da vida. Assim, os alunos aprendem muito mais do que leitura, escrita e aritmética nas escolas públicas que frequentam; eles aprendem a interagir com diferentes tipos de pessoas. Eles aprendem a compartilhar o mundo com seres humanos de origens raciais, étnicas e religiosas diversas, bem como aqueles com identidades sexuais não convencionais. É bastante provável que quanto mais diversificado for o ambiente em que nossos jovens crescem, mais bem ajustados eles se tornem como adultos. Formandos desses ambientes costumam ser menos racistas, sexistas e preconceituosos do que aqueles que frequentam escolas com corpos discentes homogêneos, como é regularmente constatado em escolas charter, voucher, privadas e religiosas (Peshkin, 1986).

Singer (2017) também observa que as escolas públicas são mais responsáveis financeiramente. Em comparação com as escolas particulares, os gastos das escolas públicas são precisamente isso - públicos! Assim, a probabilidade de que eles gastem dinheiro com mais sabedoria

do que as escolas charter ou voucher é maior. Isso ocorre em parte porque seus registros fiscais são um livro aberto, como deveriam ser os registros de qualquer organização que receba dinheiro público. Nos raros casos em que os funcionários das escolas públicas infringem a lei e tentam desviar fundos, é muito mais provável que sejam pegos porque os registros fiscais estão facilmente acessíveis.

É importante perceber que, como as escolas públicas usam dinheiro dos contribuintes, elas pertencem, a nós, ao povo. Assim, se qualquer cidadão quiser exercer sua autoridade, geralmente pode fazê-lo. Em certo sentido, as escolas públicas são administradas por nossos amigos, vizinhos e colegas de trabalho. Esses “locais” moram em nossos bairros e participam de nossos conselhos escolares, associações de pais e professores (PTAs, PTOs) e conselhos consultivos, todos administrados por pessoas locais. Isso nem sempre é verdade para escolas charter, voucher e particulares, mais tipicamente administradas por conselhos de diretores nomeados que podem não ser locais. Seja quem for, certamente não estão comprometidos com os cidadãos ou pais locais (cf. Berliner, 2021). É mais provável que os administradores e conselheiros dessas escolas sejam os donos e investidores das escolas. Pais e cidadãos locais podem achar difícil alcançá-los, em comparação com suas experiências com escolas públicas.

As escolas públicas aceitam doações, e às vezes os professores pedem ajuda, mas se os pais não puderem (ou não quiserem) enviar coisas como lápis ou lenços de papel, a escola os fornece gratuitamente. Quando um distrito não pode fornecer o que é necessário, os professores muitas vezes cobrem a diferença do próprio bolso (Litvinov, 2022). Em média, os professores das escolas públicas gastam mais de \$500 anualmente em suas salas de aula. Em escolas particulares e charter, isso raramente acontece. Além disso, a educação especial e programas para crianças com altas habilidades raramente existem nessas escolas. Nas escolas públicas de nossa nação, tais programas são comuns e muitas vezes de alta qualidade. Além disso, as escolas públicas fornecem transporte (ônibus escolares, vouchers para transporte público etc.), algo que escolas particulares e charter raramente oferecem.

Outra característica admirável das escolas públicas é sua confiabilidade. As escolas públicas do bairro quase sempre estarão lá. Isso nem sempre é verdade para escolas charter e voucher. Quando você envia seu filho para essas escolas, nunca sabe se elas estarão lá amanhã (Local 6, 2015). Elas abrem e fecham regularmente.

Ainda, outra diferença entre escolas públicas e escolas particulares, voucher e charter é que estas não precisam aceitar seu filho (Simon, 2013). As escolas públicas precisam. Elas são obrigadas por lei a educar todas as crianças em seu distrito, incluindo crianças moradoras de rua e aquelas com deficiências. Apenas em circunstâncias extremas as escolas públicas expulsam um jovem. De fato, há escândalos em escolas públicas sobre quem é expulso e por quê. Investigações desses incidentes frequentemente expõem preconceitos sistêmicos e racismo estrutural entre professores e líderes escolares. Mas esse é o ponto. Não é que as escolas públicas não façam coisas terríveis às vezes; é que as ações das escolas públicas se tornam públicas! As escolas charter e voucher podem manter seus preconceitos escondidos e intactos.

Dados coletados em todo o mundo sugerem que a vantagem frequente das escolas charter, voucher e particulares independentes em testes padronizados de desempenho, em comparação com as escolas públicas, é por causa de quem frequenta essas escolas. Não é porque seu currículo e instrução são superiores. É mais provável que a renda familiar e a classe social sejam os determinantes mais poderosos de suas notas nos testes. Vale ressaltar que, quando as características socioeconômicas dos alunos de escolas públicas e não públicas são controladas estatisticamente, os alunos de escolas públicas têm um desempenho acadêmico melhor do que os alunos de escolas particulares, charter e religiosas (Berliner & Biddle, 1995; Lubienski & Lubienski, 2014). Portanto, as

escolas públicas não apenas têm uma probabilidade muito maior de ensinar para a vida democrática de forma eficaz, mas os alunos também têm um desempenho acadêmico melhor.

Nações Autoritárias e Educação

Este ensaio começou com a minha consulta ao ChatGPT sobre como nossas escolas públicas contribuem para a democracia. Também perguntei ao ChatGPT: “Qual é o papel da educação em uma nação autoritária?” A resposta que recebi é tão previsível quanto a resposta sobre o papel de nossas escolas públicas em uma democracia. Desenvolvendo um consenso a partir de milhões de páginas de texto escaneadas, o ChatBot afirmou que o papel das escolas em nações autoritárias é a manutenção do poder por uma administração. Escolas em tais sociedades funcionam como uma forma de controlar seus cidadãos. Nas quase 100.000 escolas públicas dos Estados Unidos, devemos sempre nos proteger das técnicas dessas escolas autoritárias que o ChatBot identificou: controle excessivo do comportamento; limites na informação compartilhada; propaganda mais frequente do que fatos em cursos de história, cidadania e governo; e limites na expressão de discordâncias.

Conclusão

O ChatGPT foi bastante claro sobre a relação positiva entre as escolas públicas dos EUA e nossa democracia americana. Também foiclaro sobre as diferenças entre como as escolas nos EUA devem funcionar para promover a democracia e como as escolas funcionam em nações autoritárias. Acrescentei algumas preocupações e cuidados à resposta do meu ChatBot. Primeiro, eu aponto que quando as escolas públicas focam seu currículo na empregabilidade, pode não ser tão bom para a democracia quanto promover a aprendizagem para a vida e para a participação ativa. Em segundo lugar, os alunos aprendem a ideologia democrática e as habilidades de pensamento crítico necessárias para serem cidadãos informados e ativos se lhes for permitido iniciar suas próprias escolhas de currículo, investigar profundamente tópicos de interesse e apresentar suas descobertas aos colegas, educadores, famílias e membros da comunidade. Em terceiro lugar, argumento que é difícil ensinar e aprender sobre a democracia em escolas que não funcionam como instituições democráticas. Infelizmente, a maioria não o faz. Em muitas das escolas dos Estados Unidos, é mais difícil, senão impossível, para os alunos verem a democracia na prática. Em quarto lugar, observei que a relação entre os alunos que aprendem sobre nossa democracia e a cobrança das escolas que dependem muito de testes padronizados raramente é discutida. Quando os distritos e administradores enfatizam a responsabilidade da escola e dos alunos, os alunos têm menos probabilidade de se envolverem em pensamento e ação democrática. Normalmente, questões sobre educação para a democracia não são debatidas nem são prioridade para os formuladores políticas educacionais. Além disso, as interrupções escolares devido à pandemia de COVID-19 e as novas leis de responsabilidade afetaram negativamente a aprendizagem para a vida democrática ao limitar o acesso a experiências extracurriculares, como passeios e visitas escolares daqueles que fazem nossa democracia funcionar (autoridades governamentais, bombeiros, policiais etc.).

Finalmente, abordo os recentes ataques verbais e físicos a educadores e bibliotecários, e a proibição de livros, todas ações antidemocráticas. É particularmente preocupante o desejo manifestado por alguns pais e políticos de ignorar ou punir os jovens quando surgem questões relacionadas à identidade de gênero ou à organização política pelos alunos. Preocupa o fato de nossos alunos frequentemente observarem modelos adultos não democráticos, e os jovens aprendem com os modelos adultos. Isso não é um bom presságio para o futuro de nossa

democracia. Em um tom positivo, as escolas estão intimamente ligadas às suas comunidades. Suas contribuições para os modos democráticos de vida comunitária podem ser inestimáveis.

Forças democráticas e não democráticas estão sempre presentes em nossas escolas. Sempre estiveram. Mas temo que hoje estejamos vendo muitas maneiras não democráticas de conviver e de educar nossas crianças. Precisamos de mais reflexão sobre isso, porque assim como o galho é dobrado, a criança também cresce.”

Referências

- Aiken, W. (1942). *The story of the eight-year study*. Harper.
- Ballotpedia. (2023). *Voter turnout in United States elections*. Retrieved June 11, 2023 from https://ballotpedia.org/Voter_turnout_in_United_States_elections
- Berliner, D. C. (2021). The scandalous history of schools that receive public financing, but do not accept the public's right of oversight. In D. C. Berliner & C. Hermanns, (Eds.) *Public education: Defending a cornerstone of American democracy* (pp. 268-286). Teachers College Press.
- Berliner, D. C., & Biddle, B. J. (1995). *The manufactured crisis*. Addison-Wesley.
- Berliner, D. C., & Hermanns, C. (Eds.) *Public education: Defending a cornerstone of American democracy* (pp.268-286). Teachers College Press.
- Center on Education Policy. (2008, February). *Instructional time in elementary school subjects. A closer look at changes for specific subjects*. Author.
- Daily Kos (December 23, 2022). *The real reason for the attack on libraries*. Retrieved February 20, 2023, from <https://www.dailykos.com/stories/2022/12/23/2136462/-The-real-reason-for-the-attack-on-libraries>
- Davis, M. H. (2010, May). *Practicing democracy in the NCLB elementary classroom*. Manuscript submitted in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree Master of Science in Education School of Education and Counseling Psychology, Dominican University of California, San Rafael, CA.
- Educating for American Democracy (EAD). (2021). *Educating for American democracy: Excellence in history and civics for all learners*. Retrieved June 2, 2023 from: <https://www.educatingforamericandemocracy.org/the-report/>
- Foster, S. L. (2006). *How Latino students negotiate the demands of high-stakes-testing: A case study of one school in Texas*. [Ph.D. dissertation]. Arizona State University, Mary Lou Fulton College of Education.
- Friedman, J., & Johnson, F. N. (2022). *Banned in the USA: The growing movement to censor books in schools*. Retrieved June 12, 2023, from <https://pen.org/report/banned-usa-growing-movement-to-censor-books-in-schools/>
- Goodman, K., Shannon, P., Goodman, Y. & Rapoport, R. (Eds.). (2004). *Saving our schools: The case for public education*. RDR Books.
- Lipka, R. P., Lounsbury, J. H., Toepfer Jr, C. F., Vars, G. F., Alessi Jr, S. P., & Kridel, C. (1998). *The eight-year study revisited: Lessons from the past for the present*. National Middle School Association. Retrieved March 17, 2023, from <https://eric.ed.gov/?id=ED45457>.
- Litvinov, A. (2022). *Out-of-pocket spending on school supplies adds to strain on educators*. NEA News. Retrieved March 17, 2023, from <https://www.nea.org/advocating-for-change/new-from-nea/out-pocket-spending-school-supplies-adds-strain-educators>
- Local 6. (2015). *Charter school closes doors without notice*. Retrieved March 17, 2013, from <https://www.clickorlando.com/news/2015/05/07/charter-school-closes-doors-without-notice/>

- Lubienski, C. A., & Lubienski, S. T. (2014). *The public school advantage: Why public schools outperform private schools*. University of Chicago Press.
<https://doi.org/10.7208/chicago/9780226089072.001.0001>
- Martel, E. (2011). The Atlanta scandal: Teaching in “a culture of fear, intimidation and retaliation.” *Nonpartisan Education Review / Essays*, 7(7). Retrieved February 23 from <http://www.nonpartisaneducation.org/Review/Essays/v7n7.pdf>
- McHenry, J. (1787). *Journal entry for September 18*. [Archival material]. Manuscript Division of the Library of Congress.
- Meier, D. (2021). If we believe that democracy is such a great idea, why don't schools practice it more? In D. C. Berliner & C. Hermanns (Eds.), *Public education: Defending a cornerstone of American democracy* (pp. 161-165). Teachers College Press.
- Open AI. (February 2023). *Introducing ChatGPT*. Retrieved from <https://openai.com/blog/chatgpt>
- Peshkin, A. (1986). *God's choice: The total world of a fundamentalist Christian school*. University of Chicago Press.
- San Antonio Express-News. (2008, March 26). *Teachers says principal threatened them over state test scores*. Retrieved February 26, 2023 from <https://www.myplainview.com/news/article/Teachers-says-principal-threatened-them-over-8437555.php>
- Simon, S. (2013). *Special report: Class struggle—How charter schools get students they want*. Reuters.com. Retrieved March 17, 2023, from <https://www.reuters.com/article/us-usa-charters-admissions/special-report-class-struggle-how-charter-schools-get-students-they-want-idUSBRE91E0HF20130215>
- Singer, S. (2017, October 4). *Top 10 reasons public schools are the BEST choice for children, parents, and communities*. Huffington Post. Retrieved March 1, 2023, from https://www.huffpost.com/entry/top-10-reasons-public-schools-are-the-best-choice-for_b_59d541cae4b0666ad0c3ca48
- Taylor, G., Shepard, L., Kinner, F. & Rosenthal, J. (2003). *A survey of teachers' perspectives on high-stakes testing in Colorado: What gets taught, what gets lost*. CSE Technical Report 588. University of California, National Center for Research on Evaluation, Standards, and Student Testing (CREST).
- Texas Education Agency. (2017). *Texas Assessment of Knowledge and Skills*. Retrieved from <https://tea.texas.gov/sites/default/files/2017%20IG-TAKS.pdf>
- Vogell, H. (2011). Investigation into APS cheating finds unethical behavior across every level. *The Atlanta Journal-Constitution*, p. 1. Retrieved from http://people.uncw.edu/imperialm/uncw/PLS_505/Cheating_Atlanta-Teachers_7_5_11.pdf

Sobre o Autor

David C. Berliner

Universidade Estadual do Arizona (Emérito)

berliner@asu.edu

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3930-7280>

David C. Berliner é autor de mais de 300 artigos, capítulos e livros. Entre suas obras mais conhecidas estão *A Crise Fabricada*, co-escrita com B. J. Biddle; *Danos Colaterais: Como os Testes de Alto Risco Corrompem a Educação Americana*, co-escrita com Sharon Nichols; e *50 Mitos e Mentiras que Ameaçam as Escolas Públicas da América*, co-escrita com Gene V Glass. Ele co-editou o primeiro Manual de Psicologia Educacional e os livros *Conversas com Professores*, *Perspectivas sobre o Tempo de Instrução* e *Colocando a Pesquisa para Funcionar em Sua Escola*. Ele é membro da Academia Nacional de

Educação e ex-presidente tanto da Associação Americana de Pesquisa Educacional quanto da Divisão de Psicologia Educacional da Associação Americana de Psicologia. Ele lecionou em várias universidades nos Estados Unidos e no exterior. Seus principais interesses são no estudo do ensino, formação de professores e políticas educacionais.

Sobre o Editor

Fernando M. Reimers

Universidade de Harvard

Fernando_Reimers@gse.harvard.edu

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8081-3663>

Fernando Reimers é o Ford Foundation Professor de Prática em Educação Internacional e Diretor da Global Education Innovation Initiative (Iniciativa de Inovação em Educação Global) na Universidade de Harvard. Ele é membro eleito da Academia Nacional de Educação dos Estados Unidos e da Academia Internacional de Educação.

Dossiê Especial

Educação e os Desafios para a Democracia

Volume 31 Número 108

19 de setembro 2023

ISSN 1068-2341



Este artigo pode ser copiado, exibido, distribuído e adaptado, desde que o(s) autor(es) e *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas* sejam creditados e a autoria original atribuídos, as alterações sejam identificadas e a mesma licença CC se aplique à obra derivada. Mais detalhes sobre a licença Creative Commons podem ser encontrados em <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas* é publicado pela Mary Lou Fulton Teachers College, Arizona State University. Os artigos que aparecem na AAPE são indexados em CIRC (Clasificación Integrada de Revistas Científicas, España) DIALNET (Espanña), [Directory of Open Access Journals](#), EBSCO Education Research Complete, ERIC, Education Full Text (H.W. Wilson), PubMed, QUALIS A1 (Brazil), Redalyc, SCImago Journal Rank, SCOPUS, Socolar (China).

Sobre o Conselho Editorial: <https://epaa.asu.edu/ojs/about/editorialTeam>

Para erros e sugestões, entre em contato com Fischman@asu.edu

EPAA Facebook (<https://www.facebook.com/EPAAAAPE>) Twitter feed @epaa_aape.